

ENTRE DAWKINS E PLANTINGA: APONTAMENTOS

[BETWEEN DAWKINS AND PLANTINGA: NOTES]

Mauro Sérgio Santos da Silva *
Dennys Garcia Xavier **

RESUMO: Este trabalho contextualiza epistemologicamente e estabelece algumas diferenças entre o naturalismo materialista de Richard Dawkins e o teísmo analítico de Alvin Plantinga. Para tanto, apresenta algumas das principais correntes da filosofia da religião na contemporaneidade, especialmente no tangente ao cenário anglo-americano, postulando sua relevância, atualidade e centralidade. Em seguida discorre acerca da ideia de Dawkins de que a complexidade organizada não possui um design, suas críticas em relação às noções de acaso e de design inteligente, sua posição em favor da teoria da evolução e a contraposição teísta que Plantinga empreende contra Dawkins.

PALAVRAS-CHAVE: Dawkins, Plantinga, Filosofia da Religião, naturalismo, teísmo.

ABSTRACT: This paper contextualizes epistemologically and establishes some differences between the materialistic naturalism of Richard Dawkins and the analytical theism of Alvin Plantinga. It presents some of the main currents in contemporary philosophy of religion, especially for Anglo-American scenery, considering this scenery relevant, present and central. Then talks about the Dawkin's idea that organized complexity has no design, their criticism to the notions of chance and intelligent design, its position in favor of the theory of evolution and the theistic counter point that Plantinga develops against Dawkins.

KEYWORDS: Dawkins, Plantinga, philosophy of religion, naturalism, theism.

1. INTRODUÇÃO

O debate acerca de temas relativos à filosofia da religião adquire, cada vez mais, enorme relevância no pensamento filosófico contemporâneo. Isso confere significativa centralidade e atualidade a esta esfera da reflexão filosófica. Neste sentido, a filosofia da religião de tradição analítica pode, seguramente, ser evocada para

* *Licenciado e Bacharel – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Especialista em Educação – Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ-MG). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – (UFU-MG). Professor Formador do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – CEMEPE – Uberlândia - MG. Membro da Academia de Letras e Artes de Araguari - MG. m@ilto: mauro.filos@hotmail.com*

** *Pós-Doutorado em História da Filosofia Antiga (Univ. de Coimbra/UnB). Doutor em Storia della Filosofia (Università degli Studi di Macerata - UNIMC). Professor Adjunto do Instituto de Filosofia (Universidade Federal de Uberlândia-UFU). Presidente da Sociedade Brasileira de Platonistas (SBP). Uberlândia – MG, Brasil. m@ilto: dennysgx@gmail.com.*

aferir tal relevância. Um exemplo capaz de corroborar essa ideia é o debate entre biólogo ateu Richard Dawkins e o teísta analítico expoente da chamada Epistemologia Reformada, Alvin Plantinga. E uma amostra dessa discussão pode ser encontrada a partir da análise do capítulo quarto da obra “Deus, um delírio” de Dawkinse do artigo “Dawkins, uma confusão” de Plantinga.

Destarte, o objetivo deste trabalho é apresentar a discussão entre dois pensadores de notória popularidade no âmbito da filosofia da religião no mundo de língua inglesa.

Assim sendo, refletiremos sobrea pertinência da filosofia da religião na contemporaneidade, contextualizaremos as reflexões de Dawkins e Plantinga neste cenário, apresentaremos alguns eixos do naturalismo materialista do biólogo britânico e, em seguida, as críticas do teísta analítico norte-americano acerca da obra “Deus, um delírio”.

O final do artigo oferece uma breve comparação entre as bases metafísicas e epistemológicas que fundamentam as respostas de ambos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A CENTRALIDADE E A ATUALIDADE DA FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Em “Filosofia da religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico”, Mac Dowell (2011) traça um panorama da filosofia da religião na contemporaneidade, apresenta as características mais evidentes do pensar filosófico atual a respeito de Deus e da religião, postulando sua relevância e pertinência. Interessa-nos, particularmente, neste trabalho, a filosofia da religião no mundo de língua inglesa.

No cenário anglo-americano, diz Mac Dowell (2011, p. 34), há um grupo considerável de pensadores ligados à filosofia da mente (PhilosophyofMind) que dão pouca ou nenhuma importância à questão religiosa; de um lado, os ateus Quine, Donald Davidson, John Searle, Richard Rorty, mais recentemente, John McDowell e Robert Brandom. De outro, os religiosos Michael Dummett, Hilary Putnam e Saul Kripke

que também contribuíram à Filosofia da Religião; a exceção de Nagel que em 2009 publicara uma coletânea de artigos recentes sobre a religião.

Há também um grupo de pensadores conhecidos como Discípulos de Wittgenstein, representados por Rush Rees, Peter Winch e D. Z. Phillips que, em geral, defendem a ideia de que “as afirmações religiosas não equivalem a uma descrição de fatos, como as proposições científicas, mas exprimem a convicção ou fé dos que as proclamam.” (DOWELL, 2011, p. 35)

Existe ainda uma corrente de filósofos adeptos do teísmo igualmente ligados à tradição analítica, embora independentes, quais sejam: Philip Quinn, W. Lane Craig, Peter van Inwagen e Brian Davies. E, outrossim, pensadores como John Mackie, William Rowe e Michael Martin, propugnadores de um ateísmo amigável na Filosofia Analítica. (DOWELL, 2011, p. 35)

No entanto, merece destaque uma das mais florescentes correntes da filosofia da religião ligada à tradição analítica amiúde denominada *Epistemologia Reformada*. A Epistemologia Reformada (Reformed Epistemology), consagra-se à questão da racionalidade da fé, do teísmo cristão, afirmando que as proposições sobre Deus, fundadas na experiência religiosa, podem ser justificadas imediatamente para quem crê, independentemente de sua demonstração a partir de outras verdades, na medida em que são tão evidentes quanto outras percepções aceitas universalmente como verdadeiras, como, por exemplo, a existência de outros seres humanos, além do próprio sujeito. Um dos maiores expoentes dessa corrente é, obviamente, Alvin Plantinga. (DOWELL, 2011, p. 35)

Na direção contrária, grande notoriedade e popularidade também são concedidas a um ateísmo combativo e violento surgido nos últimos anos,

aparentemente como reação à influência política do fundamentalismo religioso, principalmente nos Estados Unidos. A maior parte dos promotores desta campanha, como Sam Harris, neurocientista, e Christopher Hitchens, jornalista, não são filósofos profissionais. Igualmente Richard Dawkins, cuja obra ‘Deus, um delírio’ alcançou grande sucesso também no Brasil, trocou sua carreira de biólogo eminente pela de

panfletista antireligioso. Exceção, neste sentido, é Daniel Dennett, ateu militante, mas conceituado filósofo, sobretudo no campo da Filosofia da Mente, no qual defende um estrito fisicalismo (DOWELL, 2011, p. 36)

Acerca da Filosofia da Religião no cenário anglo-americano, postula Mac Dowell:

“De um modo geral, no mundo de língua inglesa, onde predomina o pensamento marcado pela tradição analítica, a Filosofia da Religião se caracteriza pelo rigor lógico da argumentação e a discussão explícita das opiniões dos adversários, seja em periódicos, seja em coletâneas de debates entre detentores de posições contrárias sobre a mesma questão. Do ponto de vista temático, os estudos focalizam com frequência as provas da existência de Deus, discutindo as condições racionais de sua afirmação. Há não poucos estudos sobre os argumentos ontológico, cosmológico e teleológico, bem como sobre a objetividade da experiência religiosa e sua capacidade de justificar a afirmação de Deus”. (DOWELL, 2011, p. 37)

E, neste sentido, conclui:

“A reflexão filosófica atual no âmbito anglo-americano se apresenta mais como Teologia Filosófica do que como Filosofia da Religião em sentido estrito, ultrapassando não raro o tradicional empirismo para revestir um caráter lógico--metafísico. Não obstante, curiosamente, são debatidas filosoficamente, no mesmo estilo, questões internas ao cristianismo, como a doutrina da ressurreição ou a sua alegação de ser a única religião verdadeira” (DOWELL, 2011, p. 37)

2.2. A RELEVÂNCIA DO DEBATE ENTRE PLANTINGA E DAWKINS PARA A FILOSOFIA ANALÍTICA DA RELIGIÃO CONTEMPORÂNEA

É justamente nesta perspectiva que a discussão entre Dawkins e Plantinga afigura-se sobremodo apropriada e adquire significativa relevância no cenário atual da Filosofia Analítica da Religião.

O debate entre Dawkins e Plantinga é relevante na medida em que é a expressão de duas perspectivas epistemológicas e metafísicas do que Mac Dowell (2011, p. 48) descreve como “notável interesse pela problemática religiosa no debate filosófico, concomitante à nova

atualidade do fenômeno religioso na cultura e na sociedade”.

Além disso, a crítica de Plantinga a Dawkins, representada, neste artigo, pelos elementos levantados em “Dawkins, uma confusão” (2007) acerca do quarto capítulo de “Deus, um delírio” (2007), toca problemas que estão, por assim dizer, na ordem do dia como os da relação entre fé e razão, da maneira adequada de pensar e nomear o mistério transcendente e do papel respectivo da experiência e da reflexão lógica na abordagem da realidade última. (MAC DOWELL, 2011 p.49)

2.3. DAWKINS E “DEUS UM DELÍRIO”

Richard Dawkins, biólogo britânico, popular divulgador de ciências, professor de PublicUnderstanding (Compreensão Pública de Ciência) em Oxford. notabiliza-se, mormente, a partir da publicação de *The GodDesilusion* (2006)(literalmente, A ilusão de Deus), publicada no Brasil com o título *Deus, um delírio* (2007). O título é ainda mais irônico do que parece. Como o próprio autor explica na introdução, a expressão ilusão refere-se a uma crença persistente e falsa, mantida mesmo diante de fortes evidências contrárias, especialmente compreendida como o sintoma de uma espécie de insalubridade mental. (FLORES, 2006, p. 366)

Dawkins afirma que as ciências naturais e, especialmente a biologia evolucionista representam um itinerário intelectual naturalista materialista que, seguramente, conduz ao ateísmo. (MC GRATH, 2007, p. 13).

O cientista britânico sugere uma reflexão comparativa entre dois modelos. A *hipótese divina* (aparentemente levantada apenas como recurso para sua argumentação) que postularia a existência de uma Inteligência super-humana e sobrenatural que projetara e criara o universo e tudo nele contido. E a *hipótese alternativa* que defende a ideia de que formas de inteligência criativa, com complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, surgiram apenas depois de um longo processo de evolução gradual. Neste caso, tendo as inteligências criativas surgido bem depois do início do mundo, estabelece Dawkins, algo do tipo não poderia ter sido responsável pela criação (FLORES,

2006, p. 366)

Deus, um delírio (2007), contém, pois, dez capítulos dedicados à comprovação da falta de evidências quanto à existência de Deus; o que, segundo o autor, corrobora a quase certeza da não existência do Deus do teísmo ocidental padrão, postulada sobremodo no capítulo quarto, considerado tanto pelo autor quanto por Plantinga como a parte central da referida obra na qual estaria presente o argumento mais forte contra o teísmo, vem a ser, o argumento da improbabilidade pela complexidade.¹

2.4. DESIGN X ACASO= TEORIA DA SELEÇÃO NATURAL

No quarto capítulo, Dawkins (2007) declara a extrema improbabilidade de Deus existir a partir da metáfora do Boeing 747 Definitivo; refutando, destarte, o que considera a mais recente roupagem do criacionismo, qual seja: a hipótese do “design inteligente”. (DAWKINS, 2007, p. 123)

Para Dawkins, a hipótese do design inteligente é tão (ou mais) improvável quanto a ideia de que o universo tenha surgido do acaso. Um design inteligente, caso existisse, deveria ser tão complexo quanto universo; o que seria tão improvável quanto o surgimento da vida a partir do acaso. A teoria da evolução é, conforme o biólogo, a única solução conhecida para o surgimento da complexidade organizada.

Assim, afirma o popular divulgador de ciências:

O argumento da improbabilidade é o grande argumento. Em sua forma tradicional, o argumento do design é certamente o mais popular da atualidade a favor da existência de Deus e é encarado, por um número incrivelmente grande de teístas, como completa e absolutamente convincente. Ele é realmente um argumento fortíssimo e desconfio que irrespondível — mas exata-mente na direção contrária da intenção dos teístas. O argumento da improbabilidade, empregado de forma adequada, chega perto de provar que Deus *não* existe. O nome que dei à demonstração estatística de que Deus quase com certeza não existe é a tática do Boeing 747 Definitivo (DAWKINS, 2007, p.123)

A metáfora do Boeing 747 e do ferro-velho é, conforme

Dawkins, atribuída a Fred Hoyle² e é originalmente utilizada para referir-se à improbabilidade do surgimento da vida. Conforme esta ideia, a probabilidade de a vida ter surgido na terra não é maior que a chance de um furacão que, ao passar por um ferro velho, tenha a sorte de construir um Boeing 747. E os criacionistas, postula Dawkins, lançam mão desse argumento para defender a ideia de que a complexidade que constitui a vida não poderia ter surgido “por acaso”.

Para Dawkins, no entanto, “a seleção natural darwiniana é a única solução conhecida para o enigma insolúvel para a origem da informação” (DAWKINS, 2007, p.124). E reitera:

Antes de Darwin, filósofos como Hume compreenderam que a improbabilidade da vida não significa que ela necessariamente tenha sido projetada, mas não conseguiram imaginar qual seria a alternativa. Depois de Darwin, todos nós deveríamos desconfiar, no fundo dos ossos, da simples ideia do design. A ilusão do design é uma armadilha que já nos pegou no passado, e Darwin devia nos ter imunizado, conscientizando-nos. Quem dera ele tivesse sido bem-sucedido com todos nós.” (DAWKINS, 2007, p.125).

Segundo Dawkins (2007, p.126), a seleção natural não explica *apenas* a vida toda; ela também nos conscientiza para o poder que a ciência tem para explicar como a complexidade organizada pode surgir de princípios simplórios, sem nenhuma orientação deliberada.

A complexidade organizada aparentemente projetada, como a asa de uma libélula ou o olho de uma águia, seria, na verdade, resultado de uma longa sequência de causas não aleatórias e, entretanto, puramente naturais, vem a ser, a evolução pela seleção natural, conforme Dawkins, a teoria definitivamente conscientizadora (DAWKINS, 2007, p.127).

Conforme(DAWKINS, 2007, p.128), a ciência da astronomia, a geologia e, especialmente a evolução darwiniana (a seleção natural) possuem um poder conscientizador. Destroem a ilusão do design dentro do domínio da biologia e nos incentivam a desconfiar de qualquer hipótese do design nos âmbitos da física e da cosmologia.

Quanto a esse aspecto, Dawkins ironiza as tentativas de conciliar criacionismo e a teoria da evolução, tentando demonstrar que essa linha de pensamento conduz a uma conclusão “acertadamente” atea:

Fico permanentemente espantado com aqueles teístas que, longe de ser conscientizados do modo como proponho, parecem louvar a seleção natural como ‘a maneira como Deus realizou a criação’. Eles dizem que a evolução pela seleção natural seria um modo facilímo e divertido de obter um mundo cheio de vida. Deus não precisaria nem fazer nada! (DAWKINS, 2007, p.129).

Para Dawkins, a teoria da seleção natural não se identifica com o acaso. A alternativa à teoria do design é a seleção natural. Conforme o biólogo ateu, a teoria do design e a ideia do acaso são igualmente improváveis e possuem a mesma fragilidade:

Quanto maior a improbabilidade estatística, menos plausível é o acaso como solução: é isso que improvável significa. Mas as soluções-candidatas para o enigma da improbabilidade não são, como se aplica erroneamente, o design e o acaso. Elas são o acaso e a seleção natural. (DAWKINS, 2007, p.130)

E continua: “O acaso não é uma solução, considerando os níveis elevadíssimos de improbabilidade que encontramos nos organismos vivos, e nenhum biólogo são jamais sugeriu que ele fosse. O design também não é uma solução real”. (DAWKINS, 2007, p.131)

Em favor da teoria da evolução por meio da seleção natural, arremata:

“O design inteligente não é a alternativa adequada para o acaso. A seleção natural não é apenas uma solução parcimoniosa, plausível e elegante; é a única alternativa viável ao acaso a ter sido sugerida. O design inteligente padece exatamente das mesmas objeções que o acaso. Simplesmente não é uma solução plausível para o enigma da improbabilidade estatística. E, quanto maior a improbabilidade, mais implausível fica o design inteligente. Para o observador atento, o design inteligente revela-se uma duplicação do problema. Mais uma vez, isso acontece porque o/a próprio/a designer já suscita imediatamente o problema maior de sua própria origem. Qualquer entidade capaz de projetar de forma inteligente uma coisa tão improvável quanto o angélico (ou o universo) teria de ser ainda mais improvável que um angélico. Longe de pôr fim à regressão viciosa, Deus a exacerba furiosamente.” (DAWKINS, 2007, p.131)

Para Dawkins, a equação parece ser a seguinte: Acaso X Design = Seleção Natural. Isto porque, para ele, as teorias do design e do acaso

fracassaram no tangente à explicação do problema da improbabilidade. Neste sentido, a seleção natural teria maior sucesso, pois trata-se de um processo cumulativo, que divide o problema da improbabilidade em pequenas partículas. Cada uma das partículas é improvável apenas ligeiramente, mas não definitivamente. A somatória desses inúmeros processos ligeiramente improváveis é algo improbatilíssimo tanto para a ideia de acaso quanto para a teoria do design. Mas ambos tratam a gênese da improbabilidade estatística como um evento único e isolado vilipendiando o poder do acúmulo, ao contrário do que postula a teoria da evolução.

Em Dawkins(1998)lança mão da parábola do despenhadeiro reproduzida de modo resumido em Dawkins (2007) para explicar a diferença entre a ideia do design e do acaso (de um lado) e a evolução. A teoria do design e a ideia do acaso seriam como que um pulo do penhasco até o seu cume pelo lado mais íngreme enquanto a evolução seria representada pela escalada através da encosta amena. (DAWKINS, 2007, p.133)

Para Dawkins, a teoria do design ou do a acaso podem ser comparadas à improbabilidade de se descobrir o segredo de um cofre sem qualquer auxílio. Ao passo que a teoria da evolução por meio da seleção natural pode ser representada por um cofre que oferece pequenas dicas e se abre pouco a pouco na medida em que um dos discos se aproxima da posição correta. (DAWKINS, 2007, p.133)

Dawkins descarta também a ideia de que exista uma “complexidade irreduzível” reportando-se ao capítulo VII de Darwin (2007) dedicado à discussão da existência de órgãos de extrema perfeição e complexidade. Diz Dawkins que, se pudesse ser demonstrado que algum órgão exista sem que possa ter sido formado por numerosas, sucessivas e pequenas modificações, a teoria de Darwin seria absolutamente arruinada. No entanto, tal órgão dotado de complexidade definitiva não fora encontrado.

Ademais, esse argumento seria ainda mais voraz contra a teoria do design inteligente, pois, “embora saibamos pouquíssimo sobre Deus, a única coisa de que podemos ter certeza é que ele teria de ser complexíssimo, e de complexidade su-postamente irreduzível” (DAWKINS, 2007, p.136)

2.5. ALVIN PLANTINGA E A CRÍTICA A DAWKINS

Alvin Plantinga é um renomado expoente da filosofia da religião também denominado teísta analítico. Suas pesquisas acadêmicas abarcam os campos da metafísica, epistemologia e filosofia analítica da religião. Plantinga é um filósofo cristão que se ocupa de questões como a aproximação entre a crença em Deus e o cabedal de conhecimentos verdadeiros, com a relação entre teísmo e racionalidade. E é nesta perspectiva que Plantinga preconiza o projeto epistêmico que dá origem ao movimento conhecido como *epistemologia reformada* que, entre outras, abre o debate acerca da relação entre a crença teísta e a atividade teórica. (PIACENTE JR, 2010, 21-42).

Alvin Plantinga é inquestionavelmente um dos principais filósofos analíticos da atualidade. Sua formação e atuação como professor e pesquisador são um espelho da ascensão e dos desdobramentos da filosofia analítica no contexto norte-americano (PICH, 2011, p. 05)

Notadamente em resposta a Dawkins (2007), Plantinga publica, também em 2007, o artigo “Dawkins, uma confusão: naturalismo ad absurdum” que, com o rigor e a precisão tão caros à filosofia analítica, contrapõe-se às perspectivas materialistas, naturalistas e á objeção evidencialista claras na obra do biólogo.

Plantinga descreve *Deus, um delírio* como um extenso discurso contra a religião e a crença em Deus em particular e refere-se a Dawkins e Dennet “como a dupla de ataque do ateísmo acadêmico” (Plantinga, 2007, p.01), um livro escrito, segundo o próprio Dawkins para encorajar ateus tímidos a saírem do armário.

Segundo Plantinga (2007, p.03), Dawkins (2007) empreende três coisas: descreve com detalhes a complexidade de determinadas formas de vida, tenta refutar argumentos que reconhecem na complexidade de determinadas formas de vida a necessidade de que esta tenha um desígnio; sugere que tudo possa ter se desenvolvido sem que haja uma direção inteligente.

Para Plantinga (2007, p.03), Dawkins é um talentoso escritor de ciências (o mais popular do mundo, reconhece). O teísta analítico dispensa elogios à obra *O Relojoeiro Cego*³ (2001) que, conforme Plantinga, é um brilhante e fascinante livro de ciências; o que,

entretanto, não se aplica a *Deus, um delírio*, obra em grande partefilosófica e, nas palavras de Plantinga, ateológica, permeada de elementos de psicologia evolucionista e de comentários ofensivos à religião. Postula Plantinga, “de fato, o nível de insulto, ridicularização e zombaria é gritante” E demarca: *Deus, um delírio*, propaga uma filosofia, na melhor das hipóteses, simplória associada a um tom de arrogância e pretensão de superioridade.

Plantiga elege o capítulo quarto intitulado “Porque quase com certeza Deus não existe” como o capítulo central no qual estaria contido o melhor argumento de Dawkins contra a afirmação da existência de Deus.

Para Dawkins, como já fora dito, a existência de Deus é algo extremamente improvável. Como dito acima, é quase certo que Deus não exista, assim *como ínfima é a chance de um furacão, ao passar por um ferro-velho, ter a sorte de construir um Boeing 747.*

Curiosamente, no tangente a este aspecto, Dawkins não recobra argumentos tradicionais como a questão da existência do mal ou a alegação da impossibilidade da existência de um ser com os atributos de Deus. Para Dawkins, a existência de Deus é improvável porque extremamente complexa e, quanto mais complexa for, menos provável será, pois:

um designer tem que conter no mínimo tanta informação quanto o que há de ser criado ou projetado, e a informação é inversamente proporcional à probabilidade. Logo, ele pensa, Deus teria que ser extremamente complexo, astronomicamente improvável; dessa forma é quase certo que Deus não exista. (PANTINGA, 2007, p.02)

Assim sendo, no quarto capítulo de Dawkins (2007), o autor conclui pela extremamente provável não existência de Deus a partir da constatação da necessidade da extrema complexidade de tal ser.

Destarte, a questão que se nos apresenta não é outra senão esta: quanto mais complexo algo for, menos provável será? Ou ainda: tal argumento é suficiente para demonstrar que o Universo não possui um desígnio?

Segundo a teologia clássica, Deus é simples. E Plantinga retoma Tomas de Aquino que estabelece: Deus é simples. Não há, nele,

distinção entre matéria e substância, atualidade e potencialidade, essência e existência Diz também a confissão Belga cristã reformada: Deus é “um único é simples ser espiritual”. Aliás, também segundo a própria definição de Dawkins de complexidade, Deus é simples, na medida em que em Dawkins (2001), segundo Plantinga, perpassa a ideia de que algo é complexo se tiver partes colocadas de tal forma que pareçamter chegado a tal ponto por puro acaso. Todavia, não sendo Deus um objeto material, mas um espírito, não possui partes. Se não tem parte, não é complexo, mas notadamente simples. Assim, pela própria noção de complexidade de Dawkins, Deus não é complexo e, destarte, não pode ser improvável. (PLANTINGA, 2007, p. 04-05)

Mas, ainda que suponhamos que a complexidade de Deus seja um fato; partindo de uma perspectiva materialista (e este é o ponto de partida de Dawkins) Deus seria, seguramente, complexo e, assim, sobremodo, improvável. Mas, Plantinga diz: “é claro que não existe um ser como Deus se o materialismo for verdadeiro”. E acrescenta: “de fato, é implícito ao materialismo a não existência de Deus; mas seria cometer uma falácia lógica argumentar que o teísmo é improvável porque o materialismo é verdadeiro” (PLANTINGA, 2007, p.05).

Dawkins, assim, deveria apresentar um argumento em favor da não existência de Deus que partisse de outras bases e não apenas da premissa materialista. Haja vista que, partindo do oposto, ou seja, das premissas do teísmo clássico, Deus é um ser necessário e não é possível que não exista um ser como Deus (PLANTINGA, 2007, p.05)

Em Dawkins (2001) o autor defende a tese de que a teoria da evolução mostra que nosso mundo não foi projetado e que, portanto, a evidência da evolução revela que o Universo não possui um desígnio. No entanto, demonstra Plantinga a fragilidade desse argumento, vem a ser: a constatação de que todas as criaturas vivas tenham evoluído de uma forma elementar de vida não diz nada em favor da impossibilidade da existência de um desígnio para o Universo. A evidência da evolução não comprova que ela não seja dirigida.

Esse argumento, no máximo, suporta a conclusão de que é biologicamente possível que organismos e sistemas tenham evoluído por mecanismos darwinianos não dirigidos por uma inteligência. Há, na argumentação de Dawkins, um salto entre a premissa e a conclusão.

Plantinga assim descreve a argumentação equivocada de

Dawkins:

1. Nós não conhecemos nenhuma objeção irrefutável de que é biologicamente possível que todas as formas de vida tenham se desenvolvido por um processo darwiniano não dirigido;

Portanto,

2. Tudo da vida se desenvolveu por processos darwinianos não dirigidos. (PLANTINGA, 2007, p.03)

O que pode, outrossim, ser descrito como:

Não conhecemos nenhuma objeção irrefutável para a possibilidade de p;

Logo,

p é verdadeiro (PLANTINGA, 2007, p.04)

A premissa é sobremodo razoável. A refutação ao darwinismo não é uma tarefa fácil. O próprio Plantinga reconhece que algumas coisas que ele (Dawkins) diz acerca dessa questão são de interesse considerável. (PLANTINGA, 2007, p.03).

O que Dawkins faz é mostrar que não há nenhuma objeção irrefutável de que A não seja possível por meio de B. Quer dizer: todas as objeções à tese de que é biologicamente possível que todas as formas de vida tenham se desenvolvido por um processo darwiniano não dirigido são, no mínimo, refutáveis. No entanto, a partir desta demonstração, conclui: A se dá por meio de B. Plantinga assim ilustra o salto presente na argumentação de Dawkins:

“Eu entro no meu escritório e anuncio para o diretor que o deão permitiu uma transferência de R\$100.000 para mim. Ele pergunta o motivo, e eu respondo que não conhecemos nenhuma objeção irrefutável para o fato de o deão permitir a transferência.” (PLANTINGA, 2007, p.04)

Essa fundamentação da improbabilidade do teísmo se sustenta a partir do seguinte argumento. Se o teísmo é falso, então a evolução não é dirigida. Para Dawkins, é extremamente provável que o teísmo seja falso. Destarte, é extremamente provável que a evolução não seja dirigida, estabelece.

Todavia, Dawkins chega a esta conclusão exclusivamente amparado na constatação de que não conhecemos nenhuma tese

irrefutável contra a ideia da evolução darwiniana não dirigida.

Plantinga (2007, p.06) traz à baila também a discussão do Argumento do Ajuste Perfeito (Fine Tuning Argument). Nas décadas de 60 e 70 cientistas notaram que muitas das constantes físicas básicas do Universo precisam estar dentro de limites muito estreitos. Um número imenso de ligações precisaram ser ajustadas a limites muito estreitos para que a vida fosse possível no Universo. Em outras palavras, uma simples distribuição dos valores das constantes da física, pequenas alterações na intensidade da expansão do universo, na lei da gravidade, por exemplo, seriam capazes de exterminar a possibilidade de vida no Universo. A ideia defendida por Plantinga é a de que o Argumento do Ajuste Perfeito favorece muito mais ao teísmo que à ideia da evolução darwiniana não dirigida.

Em resposta a esse argumento teísta, Dawkins objeta, dizendo que, possivelmente, existem muitos (talvez infinitos) outros universos com muitas outras distribuições de valores das constantes físicas. E que, provavelmente, alguns deles sejam “perfeitamente ajustados” entre os quais, possivelmente, o nosso, já que, o único universo em que poderíamos estar discutindo essa questão é aquele que é perfeitamente ajustado para a vida. (PLANTINGA, 2007, p.07)

Segundo Plantinga, esse argumento recorre ao “princípio antrópico” (DAWKINS, 2007, p.146-163) e confirma a ideia de que estamos em um universo “perfeitamente ajustado”. Todavia, não explica o fato de esse Universo ser perfeitamente ajustado.

Para Plantinga, parece absurdo que essas constantes tenham os valores que têm; ainda é extremamente improvável, pela sorte, que elas tivessem esses valores; e é ainda muito menos improvável que elas tivessem esses valores, se houvesse um Deus que desejasse um universo favorável à vida. (PLANTINGA, 2007, p. 07)

Outro argumento presente em Dawkins (2001) que também perpassa o conjunto de Dawkins (2007) é a constatação do autor de que a maquinaria auto-duplicável da vida seria necessária para a seleção natural funcionar. Assim sendo, admitindo a concepção teísta, Deus teria que criar primeiro a vida e, nesta, em primeiro lugar, o maquinário duplicador original do DNA e da proteína que tornam a seleção natural possível.

No entanto, um Deus capaz de projetar tal máquina do DNA/proteína seria tão complexo quanto a mesma e, portanto, conforme o argumento exposto no capítulo quartode Dawkins (2007), extremamente improvável. (PLANTINGA, 2007, p. 08)

No entanto, a existência de uma da complexidade organizada poderia perfeitamente ser explicada por outra complexidade organizada. Por exemplo, a existência de uma dada complexidade organizada, qual seja, a vida na terra, pode ser explicada por outra complexidade organizada, vem a ser, Deus. Em outras palavras: “mesmo que o próprio Deus apresente complexidade organizada, seria perfeitamente apropriado explicar a existência da vida terrestre pela atividade divina.” (PLANTINGA, 2007, p.09)

Nesse sentido, segundo Plantinga, mesmo que consideremos o argumento de Dawkins da improbabilidade pela complexidade, e, ainda que consideremos a necessidade de que Deus seja complexo, não é o suficiente para estabelecermos que não-Deus; isto é, que uma complexidade organizada, Deus ou o design, não possa ser a explicação da existência de outra complexidade organizada, vem a ser, a vida na terra.

Destarte, Plantinga demonstra que a *hipótese divina* levantada por Dawkins apenas como recurso para a argumentação que postularia a existência de uma Inteligência super-humana e sobrenatural que delimitadamente projetara e criara o universo e tudo nele contido não pode ser ridicularizada, tampouco descartada como faz o biólogo britânico.

Ao passo que a *hipótese alternativa* não pode ser tomada como irrefutável a partir do argumento da improbabilidade pela complexidade, do Argumento do Ajuste Perfeito ou pelo argumento que estabeleceria a necessidade da primazia da existência maquinária auto-duplicável.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão entre Plantinga (2007) e Dawkins (2007), representa sobremaneira o debate contemporâneo entre perspectivas metafísicas e epistemológicas distintas presentes na filosofia da religião

contemporânea, especialmente no cenário anglo-americano.

Dawkins defende a ideia de que a complexidade organizada não possui um desígnio, um design inteligente, o Deus do teísmo clássico. Afirma também a tese de que é quase certo que Deus não exista na medida em que, assim sendo, deveria ser dotado de complexidade irrefutável e definitiva.

Segundo o biólogo britânico, as ideias de acaso e a teoria do design não explicam o problema da complexidade. Ao passo que, nesse aspecto, a evolução a partir da noção de uma seleção natural seria muito mais plausível.

Platinga, por seu turno, refuta com rigor e clareza aos argumentos de Dawkins. Mostra que quase com certeza Deus não seja complexo e, deste modo, não seja igualmente improvável. E, demonstra que, ainda que seja complexo, não é por isso, improvável na medida em que uma complexidade organizada pode dar origem a outra complexidade organizada.

Para Dawkins as ciências naturais e, especialmente a biologia evolucionista representam um itinerário intelectual naturalista materialista que, seguramente, conduzem ao ateísmo. (MC GRATH, 2007, p. 13).

Plantinga, por seu turno, lança suas críticas a Dawkins, tomando por fundamento uma nova epistemologia mais apropriada ao teísmo denominada Epistemologia Reformada que tem como eixos centrais a ideia de que a crença em Deus pode ser apropriadamente básica e igualmente racional. (CARVALHO, 2006, p. 97-113)

Para Plantinga (2011), a incompatibilidade do evolucionismo não é com o teísmo, mas com o naturalismo materialista que se constitui numa espécie de ateísmo extremado. O teísta analítico sinaliza para o fato de que a junção de naturalismo com teoria evolucionista é auto-refutável: provê para si mesma um invalidador-invalidável.

No bojo da epistemologia e da metafísica platingiana a existência da vida, dos seres humanos e, especialmente, da mente humana não podem ser produto de processos não inteligentes, como a evolução por seleção natural e seriam, ao contrário, produto de uma inteligência criativa.

4. REFERÊNCIAS

- CARVALHO, G.V.R. *A “basicidade” da crença em Deus segundo Alvin Plantinga: uma apresentação*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 97-113, jun. 2006, p. 97-113.
- DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- DAWKINS, R. *A escalada do monte improvável: uma defesa da teoria da evolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DAWKINS, R. *Deus, um delírio*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- DAWKINS, R. *O relojoeiro cego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DAWKINS, R. *The Blind Watchmaker: why the evidence of evolution reveals a universe without design*, 1986, New York: W.W. Norton, 1986.
- DAWKINS, R. *The God Delusion*. London: Black Swan, 2006.
- FLORES, R. Z. *The God Delusion*. Revista de Psiquiatria. Rio Grande do Sul, set/dez, 2006, 28(3), p. 366.
- MAC DOWELL, J.A. *Filosofia da Religião: sua centralidade e atualidade no pensamento filosófico*. Cultura e Comunidade, Uberlândia, v. 6 n. 10, p. 17-49, jul/dez. 2011.
- MC GRATH, Alister.; MC GRATH, Joana. *O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- PARSON, K. *Argumentos Teístas Contemporâneos*. Ouro Preto: UFOP, 2009, p. 97-111. Disponível em: <<http://dmurcho.com/religiao.html>> Acesso em 25 de julho de 2013.
- PIACENTE JR, J. C.. *A herança epistêmica agostiniana-calvinista em Alvin Plantinga*. Fides Reformata, XV, nº 02, 2010, p. 21-42.
- PICH, R. H. MÜLLER, F. de M.. *Presentation and note on Alvin Plantinga*. Veritas, Porto Alegre, v. 56, n. 02, mai/ago, 2011, p.05.
- PLANTINGA, A.C. *Dawkins, uma Confusão: naturalismo ad absurdum*. 2007, Disponível em: <<http://despertaibereanos.blogspot.com>> Acesso em 25 de julho de 2013.
- _____. *O Argumento Evolucionista Contra o Naturalismo*. 2011, Disponível em: <<http://alvinplantinga.blogspot.com.br/2011/02/o-argumento-evolucionista-contra-o.html>> Acesso em 25 de julho de 2013.

_____. *Conselho aos filósofos cristãos*. 2010, Disponível em: <<http://despertaibereanos.blogspot.com>> Acesso em 25 de julho de 2013.

_____. *Sobre o Academicismo Cristão*. 2013, Disponível em: <<http://alvinplantinga.blogspot.com.br/2011/02/o-argumento-evolucionista-contra-o.html>> Acesso em 25 de julho de 2013.

_____. *Teísmo, ateísmo e racionalidade*, 2008, Disponível em: <<http://despertaibereanos.blogspot.com>> Acesso em 25 de julho de 2013.

_____. *Religião e Ciência*. 2010, Disponível em: <<http://despertaibereanos.blogspot.com>> Acesso em 25 de julho de 2013.

_____. *Será a crença em Deus apropriadamente básica?* Ouro Preto: UFOP, 2009, Disponível em: <<http://dmurcho.com/docs/properlybasic.pdf>> Acesso em 25 de julho de 2013.

NOTAS

- 1 No terceiro capítulo Dawkins trava um debate com tradicionais argumentos em favor do teísmo que não constituem, no entanto, a centralidade da obra do biólogo britânico e o interesse deste trabalho.
- 2 Físico e cosmólogo brilhante na opinião de Dawkins (2007)
- 3 DAWKINS, R. O relojoeiro cego. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. O título desta obra de Dawkins é notadamente uma espécie de resposta ao livro de William Paley, do século XIX “A Teologia Natural” que introduzira a metáfora do “Deus Relojoeiro”. O sucesso dos argumentos desdobrados a partir desta metáfora foi tão grande que, ainda hoje, trata-se de uma das principais ferramentas retóricas daqueles que defendem que a existência da vida, dos seres humanos e, especialmente, da mente humana não pode ser produto de processos não inteligentes, como a evolução por seleção natural; como demonstra FLORES, 2006, p. 367. Acerca desta discussão em torno do chamado “projeto inteligente”, ver também “A caixa preta de Darwin”.